

— "Os dicionários bilingues até ao fim do séc. XVIII, Fonte privilegiada da lexicografia portuguesa". *Colóquio de lexicologia e lexicografia (26 a 27 de Junho de 1990)*. Actas, Lisboa, INIC, Univ. Nova de Lisboa, 1991, p.248/56.

OS DICIONÁRIOS BILINGUES ATÉ AO FIM DO SEC.XVIII

- Fonte privilegiada da lexicografia portuguesa.

1. Os dicionários das grandes línguas modernas nasceram bilingues, em confronto com o latim e ao serviço da escolarização desta língua. O acesso ao vocabulário latino solicitou as primeiras alfabetações do léxico dos vernáculos. Surgiram primeiro os dicionários de latim-vernáculo e depois, por um processo de transposição, foram elaborados os dicionários de vernáculo-latim. O processo está estudado, e um primeiro exemplo, e dos mais convincentes, é o do conjunto dicionarístico do humanista espanhol António de Nebrija que fez uma reversão aproximadamente simétrica, do *Lexicon* latim - espanhol, publicado em Salamanca em 1492, para o *Vocabulário* espanhol - latim, publicado também em Salamanca em 1495. (1)

1.1. A língua portuguesa constituiu uma excepção neste processo embrionário da lexicografia moderna. Com efeito, o primeiro dicionário publicado em Portugal começa com a alfabetação da língua portuguesa, trata-se do *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*, publicado por Jerónimo Cardoso, em Lisboa, na Tipografia de João Álvares, em 1562. Nele se colige uma primeira nomenclatura da língua portuguesa, composta por cerca de 12.000 palavras, que serão retomadas, na sua quase totalidade, pela tradição dicionarística portuguesa até ao presente. Pode dizer-se que em 1562 começou a lexicografia da língua portuguesa.

A série de dicionários português-latim que se lhe seguiram (2) e, em menor parte, outros dicionários bilingues, contribuíram de modo fundamental para o agenciamento e para a referenciação do "corpus" lexical português. Além disso, foram verdadeiros e eficazes dicionários da língua, e de certo modo os únicos dicionários práticos e escolares, até ao aparecimento do dicionário monolíngue moderno de António de

Morais Silva, em 1789. Por sua vez, esta obra, apresentando-se como uma síntese e uma modernização do *Vocabulário* de Bluteau, que Moraes Silva diz ter "reformado e acrescentado", não deixa de inserir-se na tradição da lexicografia bilingue pela sua técnica dicionarística, pela escolha crítica da nomenclatura, pelos objectivos da sua realização e pelo público a que se dirige.

O *Vocabulário* de Bluteau, de configuração pesada (8 volumes e mais dois de suplemento) é uma obra barroca, de algum modo aristocrática. Não teve trânsito escolar, e, sendo embora um texto de referência e um monumento literário admirável, tem de ser tratado à parte e enquadrado como um caso de excepção na produção dicionarística portuguesa. Os aspectos mais interessantes de todo o seu universo de informação, não me parecem ser essencialmente lexicográficos.

1.2. A génese e o processo de transmissão da lexicografia portuguesa, até aos dicionários modernos devem ser estudados nas publicações bilingues e mais precisamente nos dicionários de português latim de Jerónimo Cardoso (3), de Agostinho Barbosa (1611) (4), de Bento Pereira (1647) (5), de Pedro José da Fonseca (1771) (6) e ainda, entre outros, nos dicionários de José Marques de português-francês (1764) (7), de António Vieira Transtagan de português-inglês (1773) (8) e ainda de Joaquim José da Costa e Sá de italiano-português (1773) (9). Além destes dicionários, a lexicografia bilingue portuguesa até ao final do século XVIII, é preenchida também por outras obras de muito interesse linguístico, didáctico e cultural, tais como o *Indículo universal* adequado ao português por António Franco (10), ou o *Vocabulário plurilingue* atribuído a Noel de Berlaimont (11). Todavia, estes textos tiveram uma escassa ou quase nula participação no grande processo de dicionarização da língua portuguesa, e por isso não os tomamos agora em consideração.

1.3. Não seria adequado apresentar nesta exposição, que se quer muito breve, todo o conjunto de dados que foram objecto de observação no confronto que estabelecemos entre estes dicionários e os subsequentes dicionários monolingués e que comprovam uma certa interacção e

mesmo a existência de um processo de transmissão sequencial entre eles. Salientaremos apenas alguns aspectos que nos parecem especialmente relevantes para a compreensão da história da lexicografia portuguesa e para um melhor aproveitamento desse património lexicográfico, na elaboração actual dos muitos dicionários da língua portuguesa que estão ainda por fazer, especialmente no que respeita à língua histórica.

Distinguiremos apenas os 4 pontos seguintes:

1. A lexicografia bilingue como fonte e campo de ensaio para as soluções técnicas e para a fundamentação teórica dos dicionários portugueses.
2. A lexicografia bilingue como fonte de referência para o estabelecimento de uma nomenclatura do "corpus" lexical português, e para a sua permanente actualização.
3. A lexicografia bilingue portuguesa como suporte e fonte de orientação para o uso e para o acesso à significação do vocabulário da própria língua portuguesa, antecipando quase toda a informação fornecida a partir de 1789 pelo dic. monolingue.
4. A lexicografia bilingue como fonte particularmente caudalosa para a pesquisa ainda actual de levantamento do vocabulário português e para a elaboração da lexicografia da língua histórica.

2.1. A lexicografia bilingue pos a língua portuguesa em contacto com as técnicas de recolha, de ordenação e composição dicionarísticas, já experimentadas em outras línguas, tais como a alfabetação, o estabelecimento de uma nomenclatura, o desenvolvimento de uma sintaxe glossarística, composta pela informação gramatical e eventualmente etimológica, pela definição ou acumulação sinonímica, pela textualização autorizada, ou ainda por outros meios de acesso ao reconhecimento semântico.

A técnica de alfabetação que nos parece hoje um exercício de elementar simplicidade, enfrentava consideráveis dificuldades quando tinha que

partir da completa inexistência de listagens anteriores e quando escasseavam os meios materiais para a própria produção da escrita.

Entre as línguas românicas e o próprio latim verifica-se a existência de um fundo lexical comum, com uma larga margem de aproximação e de coincidência nos símbolos gráficos do segmento inicial de grande número de formas. Podemos supor que os primeiros dicionaristas portugueses estabeleciam a hierarquização alfabética da nomenclatura efectuando sucessivas operações de reescrita de longas listas de palavras, e apoiando-se em dicionários de outras línguas, nomeadamente latinos, espanhóis, italianos e franceses.

Os dic. bilingues, especialmente a partir do séc. XVII trazem indicação de uma abundantíssima bibliografia estrangeira (12). Nem sempre é fácil avaliar o grau de aproveitamento de tais obras nos textos lexicográficos portugueses. Em todo o caso, essa notícia bibliográfica fornece-nos uma boa indicação sobre as vias de influência e de contacto com o saber e a prática dicionarística já ensaiados em relação a outras línguas.

O reconhecimento dos modelos estrangeiros repercute-se, até aos dias de hoje, na própria configuração material dos dicionários que procuram adequar-se ao uso escolar e quotidiano, pelo seu formato manuseável e pela legibilidade tipográfica.

2.2. Um segundo aspecto da interacção da lexicografia bilingue sobre os dicionários monolingues do português evidencia-se no estabelecimento da nomenclatura.

Os primeiros dicionaristas encontraram na tradição lexicográfica latina um amplo mosaico de todo o universo semântico até então verbalizável. Os dicionários bilingues acordaram nas línguas vernáculas domínios de significação que estavam silenciosos e que não tinham ainda sido solicitados para a designação e para a expressão verbal.

Este confronto bilingue promoveu especialmente o alargamento, se não mesmo o desbloqueamento, do "corpus" lexical português. O aumento da disponibilidade lexical portuguesa até ao final do séc. XVIII resultou em grande medida da pressão exercida pelo confronto

interlingue experimentado de modo sistemático nos dicionários bilingues.

Não demorarei neste ponto a minha análise que foi já em parte objecto de reflexão num texto anterior sobre a latinização do fundo lexical português (13). Acrescentarei no entanto que essa interacção se verificou não só no âmbito da latinização, introduzindo uma crescente nitidez em mosaicos semânticos do vocabulário comum e do vocabulário cultivado e literário, mas também no âmbito da inovação terminológica, especialmente decorrente do confronto com as línguas modernas. O registo do neologismo nos dicionários portugueses foi sistematicamente motivado e actualizado pelo confronto com as outras línguas exercitado nos dic. bilingues. (14)

2.3. No terceiro ponto desta breve reflexão sobre a lexicografia bilingue portuguesa, consideramos o que nos parece um aspecto essencial do seu desempenho funcional. Os dicionários bilingues foram os verdadeiros e únicos dicionários da língua materna para os falantes portugueses, até ao final do séc. XVIII.

Na realidade, pela sua adequação ao espaço escolar e pelo relevo dado, na estruturação dos artigos, ao tratamento do "corpus" lexical português, estes dicionários foram feitos para responder também ao conjunto de necessidades linguísticas atendidas pelos dicionários monolingues. Todos eles ofereciam uma certa padronização ortográfica que poderia ser aproveitada para orientar o ensino e a prática da escrita. A maior parte deles acrescentam ainda muitíssima informação complementar, para além da simples solicitação do intercurso plurilingue. Quer dizer, mais do que dar a passagem do português para a língua estrangeira, o autor procurava dicionarizar a língua portuguesa acumulando um conjunto de informação lexicográfica que permitiria ao utilizador ter acesso à significação do lexema, e aos condicionamentos do seu uso.

Logo no primeiro dicionário de português-latim, Jerónimo Cardoso não se limita a fornecer uma estrita equivalência interlingue. As entradas portuguesas, além de outras explicitações semânticas e gramaticais, desdobram-se frequentemente em pares sinonímicos ou

parassinonímicos, do tipo: "abafar s. cobrir...", "abarregado s. amancebado", "abominar s. amaldiçoar", "bisauoo ou bisdona", "boaventura ou dita".

Todos os outros dicionários citados oferecem em maior ou menor grau as informações que competiriam a um dicionário monolíngue. Entre eles, salientaremos no entanto o dicionário de Pedro José da Fonseca, e sobretudo o *Novo Diccionario das Línguas Portugueza e Franceza, com os termos latinis* do P. José Marques, que deve ter sido mesmo concebido para ser usado essencialmente como dicionário monolíngue do português. Os artigos, para além da forma portuguesa correspondente à entrada, são compostos por uma glosa em português, com a definição ou explicação ou equivalentes sinonímicos, seguida de uma breve anotação francesa e latina (15).

2.4. Finalmente, o último ponto que desejaríamos considerar, nesta reflexão sobre os dicionários bilingues, é o do seu aproveitamento como a mais copiosa e mais bem informada fonte para o levantamento e para o estudo e fixação da memória lexical portuguesa.

O conjunto dos dicionários plurilingues que incluem o português contem uma informação lexical abundante, diversificada e privilegiadamente acompanhada por uma referência semântica. Os dicionários bilingues são forçosamente abundantes, no que respeita ao número de entradas, porque têm que responder, num processo sistemático de equivalências, a toda a massa verbal compilada para as várias línguas. Por outro lado os dicionários plurilingues suscitam o confronto de experiências existenciais muito diversificadas obrigando as línguas de recepção a um esforço de aproximação semântica extremamente mobilizador.

Bastará lembrar a este propósito, o enorme investimento lexical feito pelos Jesuítas portugueses no Japão, para publicarem em 1603 um *Vocabulário da Lingoa de Iapam com a declaração em Português*. Para darem acesso à descodificação de cada entrada japonesa, não raro, os autores eram obrigados a acumularem, além da definição, mais de uma dezena de equivalentes portugueses, como se pode ver pelo exemplo da entrada:

ZAMACU (...) Cousas que não aproveitam, que vem de mistura com outras: como palhas, pedras, terra, & semelhante alimpadura; que vem misturada com arroz, trigo & outras cousas. Item por met. Pessoa desatentada, grosseira, & desmazalada. (16)

3. A lexicografia bilingue portuguesa, constituindo embora um fundo modesto, quando comparado com outras lexicografias europeias, não deixa de oferecer abundantes e gratificantes motivos de estudo e de pesquisa. Todavia, não tem suscitado até ao presente a atenção de que é merecedora. Continua quase totalmente por estudar (ressalvada a honrosa excepção dos recentes trabalhos de Stefan Ettinger), e não só sob o ponto de vista dicionarístico. Muitos aspectos do seu larguissimo universo de informação, não poderão esgotar-se, como já notámos para a obra de Bluteau, num simples estudo lexicográfico. Merecem bem uma abordagem a partir de outros pontos de vista.

A história da cultura e nomeadamente a história da educação e de toda a sua mensagem ideológica, encontrarão nestes dicionários inesperadas revelações. Sob o ponto de vista linguístico e mais precisamente lexicográfico trata-se de um campo de trabalho que preencheria um amplo e bem justificado projecto de investigação, em que se poderiam definir como primeiros objectivos, um levantamento e caracterização bibliográficos exaustivos, um estudo filológico preliminar e um rastreio informático de todo o seu "corpus" linguístico que deveria ser integrado numa base de dados lexicográficos da língua portuguesa.

NOTAS

1)- German Colon y Amadeu-J. Soberanas, *Diccionario Latino-Espanol de Elio Antonio de Nebrija, Salamanca, 1492*, in: "estudio preliminar" da edição facsimilada, Barcelona, 1979. "Sabemos como procedio Nebrija: redactada primero la parte latino-hispana, fué el material de transposición el que le sirvio para agavillar luego las palabras castellanas" (p.25).

2)- A lexicografia bilingue entre o latim e o português foi roteirada por Justino Mendes de Almeida, até ao séc.XIX, numa série de artigos iniciados na revista *Euphrosyne*:

--" O Primeiro Lexicógrafo Português da Língua Latina: Jerónimo Cardoso", vol.II, 1959, p.139-152.

Os artigos seguintes foram todos publicados na *Revista de Guimarães*:

--"Agostinho Barbosa: o segundo lexicógrafo português da língua latina", vol.LXXV, 1/4, Jan/Dez., 1965, p.31-40;

--"Lexicógrafos portugueses da língua latina. 3. A *Prosodia* de Bento Pereira", vol.LXXVII, 1/2, Jan/Jun., 1967, p.5-12;

--"4. O *Diccionario Lusitanico-Latino* de Frei Pedro de Poyares", *ibid.* p.12-17;

--"Lexicógrafos da língua latina em Portugal. V. A *Porta de línguas (Ianua linguarum)*, de Amaro de Roboredo", vol.LXXIX, 1/2, 1969, p.5-7;

--"VI. A "*Amalthea siue hortus onomasticus*" do P. Fr. Tomás da Luz", *ibid.* p.7-13;

--"VII. O "*Vocabulário portuguez e latino*" de D. Rafael Bluteau", *ibid.* p.13-27;

--"VIII. O "*Apparato critico para a correcção do diccionario intitulado Prosodia in vocabularium bilingue digesta*", de António Pereira de Figueiredo", *ibid.* p.27-36;

--"IX. O *Diccionario portuguez, e latino*, do Padre Carlos Folqman", *ibid.* p.36-40;

--"X. O "*Breve diccionario da latinidade pura e impura*", de António Pereira de Figueiredo", vol.LXXIX, 3/4, Jul/Dez., 1969 p.193-198;

--"XI. Os Dicionários de Pedro José da Fonseca", *ibid.* p.198-210;

--"XII. O *Magnum Lexicon* de Frei Manuel de Pina Cabral", *ibid.* p.210-216;

--"XIII. O *Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino* novamente compilado por Joaquim José da Costa e Sá", *ibid.* p.216-222 (segue-se uma breve resenha bibliográfica até à p.226);

--XIV. O diccionario latino, e portuguez, por Damião de Frois Perim (Frei João de S. Pedro), vol.LXXXII, 3/4, Jul/Dez. 1972, p.151-163;

--"XV. Nomenclatura port., e latina", *ibid.* p.163-168.

3)- O dicionário português-latim de Cardoso teve uma 2a. ed. em 1569/70, anexado à primeira edição do dicionário latim-português do mesmo autor, com um acréscimo de pouco mais de 700 entradas, perfazendo ao todo cerca de 12.830. Foi depois sucessivamente reeditado, sem alteração, em uma dezena de edições, até ao final do século XVII. Cf. Paul Teyssier, "Jeronimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise" in *Bulletin des Etudes Portugaises et Brésiliennes*, t.41, 1980, p.7-32.

4)- *Dictionarium Lusitanicolatinum Iuxta Seriem Alphabeticam Optimis, Probatisq. Doctissimorum Auctorum testimonijs perutili quadam expositione locupletatum*. Braga, Tip. de Frutuoso Lourenço de Basto, 1611. Ed. única.

5)- *Thesouro da lingua portugueza*. Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1647. Publicado como anexo da *Prosodia* desde 1661. Teve mais de uma dezena de edições até 1750. Vide: Justino Mendes de Almeida, *Lexicógrafos portugueses da língua latina*. 3. A "*Prosodia*" de Bento Pereira, in *Revista de Guimarães* v.LXXVII, 1/2, 1967, p.5-12.

6)- *Diccionario portuguez e latino impresso por ordem delRei fidelissimo Dom José I. Nosso Senhor para uso das escolas de todos os seus reinos e senhorios*. Lisboa, Régia oficina tipografica, 1771. Teve 9 eds. até 1879.

7)- *Novo Diccionario das Línguas Portugueza e Franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores authores e do Vocabulário Portuguez e Latino do P. D. Rafael Bluteau, dos Diccionarios da Academia Franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, etc.* Lisboa, Oficina patriarcal de Francisco Luís Ameno, tomo segundo 1764 (t.I de Francês-português, 1758). Este dicionário foi retomado e muito ampliado por Joaquim José da Costa e Sá e reimpresso em 1794 na Of. de Simão Tadeu Ferrira, em 2 tomos de 674 ps. (A a F) e de 555 ps. (G-Z).

8)- *A Dictionary of the Portuguese and English, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese Wherein I. The*

words are explained in their different Meanings, by Examples from the best Portuguese and English Writers. II. The Etymology of the Portuguese generally indicated from Latin, Arabic, and other Languages. Throughout the Whole are interspersed a great number of Phrases and Proverbs. Londres, J. Nourse, 2 vols. 1773.

9)- *Diccionario Italiano e Portuguez, extrahido dos melhores lexicografos, como de Antonini, de Veneroni, de Facciolati, de Franciosini, do Diccionario da Crusca, e do da Universidade de Turim, e dividido em duas partes: Na Primeira Parte se comprehendem as Palavras, as Frases mais elegantes e difficeis, os Modos de fallar, os Proverbios, e os Termos facultativos de todas as Artes e Sciencias: Na Segunda Parte se contém os Nomes proprios dos Homens Illustres, das principaes Cidades, Villas, Castellos, Montes, Rios, etc..* Lisboa, Régia Oficina Tipografica, 2 ts. 1773, 1774. Publicou-se apenas o dic. de língua, italiano-português.

10)- "*Indiculus Universal* , contem distinctos em suas classes os nomes de quazi todas as couzas, que hà no mundo, & os nomes de todas as Artes, & Sciencias. (...) Feito Francez Latino pelo P. Francisco Pomey da Companhia de Jesus. (...) Feito novamente Luzitano Latino, & acrescentado, (...) pelos Religiozos da Companhia de Jesus..." Evora, of. da Universidade, 1716. Esta primeira edição foi preparada sob a direcção do P. António Franco em 1697. Teve uma 2a. ed., reformada pelo P. Manuel de Azevedo, em Coimbra, em 1736.

11)- Os *Colloquia et Dictionariolum* atribuidos a Noel de Berlaimont tiveram centenas de edições desde os meados do séc. XVI ou antes, em que conviveram quase todas as línguas europeias. O português, surge pela primeira vez na ed. de Delft de 1598 e compareceu ainda em diferentes associações plurilingues, pelo menos, em mais 15 eds., ao longo do séc.XVII.

12)- Bluteau colige na parte II do *Suplemento* um recheado "Vocabulário de vocabulários" (p.535-548) publicados na Europa, especialmente italianos, franceses e espanhois. As obras de Jerónimo

Cardoso e de Bento Pereira, nas derradeiras edições, trazem também listas bibliográficas, e quase todos os dicionários bilingues da segunda metade do séc. XVIII fornecem indicações sobre a produção lexicográfica europeia. Uma análise crítica de toda esta informação não deixaria de ter interesse para a história dos dicionários e para a história da cultura portuguesa.

13)- "Latinização na historia da língua portuguesa - o testemunho dos dicionários", in *Arquivos do Centro Cultural Portugues*. T. XXIII, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p.157-187.

14)- Pode citar-se, a este propósito, como bom exemplo, o *Nouveau Dictionnaire François-Portugais* composto pelo Capitao Manuel de Sousa, editado, actualizado e aumentado por Joaquim José da Costa e Sa, em 1784. As palavras da página de rosto dão uma esclarecedora indicação sobre o contacto com as linguagens técnicas e a sua eventual transferência para o português, textualmente se diz que este dicionário foi enriquecido "de tous les termes techniques, & propres des sciences, des arts, des métiers, de géographie; &c. sur la dernière édition de celui de M. l'Abbé François Alberti, & des tables de l'Encyclopédie." No "Aviso dos editores retoma-se e explicita-se ainda mais o processo de interacção neológico: "Houve hum vigilantissimo cuidado de se lhe accrescentarem todos os termos technicos, e facultativos das Sciencias, e das Artes; &c. Os Anatomicos, Botanicos, Physicos, Jurisconsultos, Theologos; &c. acharao nelle se não tudo, ao menos quasi tudo, o que respeita as suas Faculdades. Em fim a nada poupamos, para que esta Edição não desmerecesse à que se fez em Nice do célebre Diccionario de M. Francisco Alberti, que o nosso Compilador teve sempre à vista."

15)- Veja-se o exemplo, recolhido ao acaso, com todas as entradas correspondentes ao radical FOLH-:

--"Folha, a primeira verdura que brota das plantas na Primavera: folha de ervas, plantas, flores, e arvores. *Feuille, le premier verd, que les arbres, & les plantes possent au printemps.* (Folium,ii: frons,dis.) /Lançar folhas. *Jetter, ou pousser des feuilles.* (Frondescere.)

- Folhas de papel, antigamente, depois de inventadas as letra, escreviaõ os homens nas folhas das arvores, como ainda hoje nas da palmeira escrevem Gentios de algumas partes do Oriente. *Feuille de papier*. (Chartae plagula,ae) Vid. Papel.
- Folha de prata, de ouro, ou de qualquer outro metal. *Feuille d'argent, d'or, ou de quelque autre métal*. (Bractea,ae).
- Folha de espada. *Lame d'épée*. (Gladii, lamina,ae.)
- Folha de serra, o ferro com dentes. *Lame de scie dentelée*. (Denticulata serrae lamina.)
- Folha da charrua, o ferro que abre a terra. *Le soc de la charrue*. (Vomer, ou vomis,eris.)
- Folha, ou folhagem, (termo de Escultura) he o lavor que os Escultores fazem a modo de folhas nos capiteis das columnas, e em outras obras da sua arte. *Feuilles taillées en bosse*. (Frondes sculptae, folia sculpta.) Vide Folhagem.
- Folhado, ou folhudo, que tem muitas folhas. Vide Folha.
- Folhado, bolo folhado. *Gateau, qui est fait en forme de feuilles*. (Foliacea placenta,ae.)
- Folhagem, folhas. *Feuilles*. (Folia,orum: frondes,ium.)
- Folhear, de ordinario val o mesmo que ler, ou ler de corrida: folhear hum livro. *Feuilleter un livre*. (Librum evolvere.)
- Folhelho, pelesinha que serve como de capa às ervilhas, favas, grãos, e outros legumes. *Cosse, gousse qui enveloppe le pois, les fèves, & les autres légumes*. (Siliqua,ae.)
- Folheta, folha pequena de qualquer metal. *Petite feuille d'or, d'argent, &c*. (Bracteola,ae)"

16)- *Vocabulário da Lingoa de Iapam com a declaração em Portugues, feito por alguns Padres e Irmaos da Companhia de Iesu*. Com Licença do Ordinario, & Superiores de Nangasaqui no Collegio de Iapam da Companhia de Iesus. Anno M.DCIII. (Transcrito da reprodução facsimilada de um exemplar da ed. princeps que se guarda na Biblioteca Bodleiana).

In: *Colóquio de Lexicologia (26-27 de Junho de 1990)*, Actas, Lisboa, INIC, Universidade Nova de Lisboa, p.248-256.